

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara

DATA: 25/08/1960 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: Resposta a uma pintora recusada

ASSUNTO: Aluna de Ivã ataca Pedrosa

*Jornal do Brasil, 25-8-1960*

## ARTES VISUAIS

# Resposta a uma pintora recusada

Mário Pedrosa

Recebi de um concorrente ao Salão a seguinte carta: "Em primeiro lugar peço permissão para me apresentar: sou R. pintora primitiva, amando demais a arte de pintar e desejando de coração tornar-me uma pintora de méritos reconhecidos. Como muitos fui recusada no salão deste ano, e sinto-me como uma criança que foi castigada sem saber o que motivou sua punição. Eu acho que somente o Sr. tem culpa do que dizem, da sua simpatia declarada pela pintura tachista e concretista, pois tanto o Sr. tenta desfazer esta impressão na sua coluna de artes do JORNAL DO BRASIL, a qual leio diariamente, e peço-lhe desculpas se sou injusta, mas penso também como os outros. Não sei por que os pobres primitivos, com exceção de alguns, não gozam da simpatia dos júris atuais. Não é porque eu o seja, mas eu acho a pintura primitiva a expressão mais pura da arte de pintar. Falei com uma pessoa que me disse não ser o Sr. faccioso, mas somente a favor da Boa Pintura. Desculpe se a pergunta é ignorante demais, mas afinal de contas o que é a boa pintura? Encontrei-o uma vez no MAM antigo, no M. da Educação, apresentada ao Sr. pelo Ivã Serpa, que foi o meu professor, e perguntei-lhe o que o Sr. achava da minha pintura, e o Sr. me respondeu: "Tem qualidades, continue trabalhando", é o que tenho feito até hoje. Já fui aceita em dois salões modernos, em vários outros salões e na Bienal de S. Paulo, tendo inclusive vendido lá mesmo o meu quadro, tendo recebido o pagamento em nome do MAM de S. Paulo. Esta recusa total, agora, neste salão, me produziu uma confusão tremenda. Acate, exteriormente a decisão do júri como julgo ser dever dos julgados, mas o meu coração se recusa a achar sincera esta minha decisão, e é por este motivo que lhe escrevo. Não entenderiam de pintura os outros júris que me aceitaram? Sinto-me como Hamlet — "To be or not to be?" Espero encontrá-lo algum dia para poder fazer-lhe minhas ingênuas ou quem sabe tolas perguntas, mas sei que o Sr. me desculpará e me responderá. Não fique zangado comigo, isto não é um protesto, é um desabafo, minha alma é sensível demais, e não sabe suportar com valentia as coisas más com que a vida nos brinda às vezes. R agradece muito qualquer atenção, e espera que pela sua coluna, mesmo indiretamente, o Sr. fale alguma coisa."

Eis aí o que uma concorrente cortada me diz. A carta está na íntegra, apenas tirei o nome da signatária, deixando a inicial do primeiro nome. O documento vale pela sinceridade da missiva, que me diz, com todas as letras, "somente o Sr. tem culpa" e "meu coração se recusa a achar sincera esta minha decisão" (de acatar exteriormente a decisão do júri). Que lhe posso dizer? Fazer a minha defesa para mostrar que sou muito bonzinho etc.? Para repetir pela enésima vez que gosto também da pintura figurativa e primitiva, igualmente? Não fui eu dos primitivíssimos a realçar o valor de nossa querida Elisa, quando ainda era aluna de Serpa? Não sou, desde muitos e muitos anos, um entusiasta da arte infantil? E não fui eu o primeiro a me bater pelos pintores e artistas doentes de Engenho de Dentro, mostrando o valor plástico e pictórico de suas produções? Hoje todo mundo é mais ou menos a favor deles, e lhes reconhece valor artístico, mas então?

A missivista se queixa de que "os pobres primitivos" "não gozam da simpatia dos júris atuais". Mas é o contrário que se dá, e ela mesma confessa os sucessos que teve na Bienal de São Paulo. Todo mundo sabe da popularidade de que gozam esses pintores ditos primitivos, os quais já invadiram até a esfera da grã-finagem, que também deu para produzi-los. Até nos meios mais esnobes, sofisticados e requintados brotam primitivos, gente que se poderia dizer veio para a vida com um copo de coquetel na mão. As facilidades modernistas permitem essa contrafação. É tão fácil, hoje, ser artista, entrar para salões (que se multiplicam ao infinito), merecer prêmios, vender quadros e ser consagrado! Enquanto muitas das mais autênticas vocações artísticas vegetam na obscuridade, curtindo decepções e injustiças e passando necessidade, porque na vida não sabem fazer outra coisa.

Os franceses, em lugar de primitivos chamam, com mais

acerto, certa categoria de artistas de **naifs** ou **ingênuos**, a fim de fazer sobressair nêles o caráter não erudito, não sabido, não instruído, não racional, não normal. O artista ingênuo é, primariamente, um inocente de espírito, vacilando freqüentemente entre o simplório, o meio bôbo e o semi-alienado. Ele é produto da criação popular espontânea: é, no fundo, um cogumelo folclórico.

Hoje os primitivos passaram a ser uma categoria bem classificada de pintores; não é um tipo espontâneo de artista, mas uma escola. Daí os equívocos. O autêntico primitivo sempre conta uma história, uma cena, um rito: seu desejo é narrar a coisa do modo mais realista e convencional possível. A ingenuidade de sua visão e o rudimentarismo de seus meios técnicos opõem, entretanto, um obstáculo entre o realismo a que almeja e a realização a que chega. Dessa disparidade nasce a originalidade, a frescura de sua obra. O segredo dela está em confundir, sem o querer, a realidade com a imaginação. Salvo raríssimas exceções, o reconhecimento geral, o triunfo, a consciência do valor não são fatores favoráveis ao poder criador do artista ingênuo: ele acaba estereotipando a própria produção, repetindo os detalhes e as invenções que mais sucesso tiveram, e por fim, o que passa a fazer perde a frescura, a ingenuidade, dando lugar ao pitoresco, e este ao maneirismo e à estilização.

Agora, voltemos à missivista. Se fomos rigorosos demais com ela, não sei. Mas que ela vá ao Salão e observe o primitivo novo que admitimos este ano, com duas telas. Compare-as com as suas, e verá que as dele estão melhores. Isso não quer dizer nada, pois, para o ano, ela mesma poderá estar melhor, o que mostrará ter aproveitado do aparente fracasso de agora. São estes pelo menos os nossos votos mais sinceros. Em arte, tudo concorre para a obra, inclusive os erros ou os insucessos. Gostaria que a nossa simpática missivista pusesse isso na cabeça.

## Noticiário

### Hlito (talvez) no Rio

Em carta que nos envia de Buenos Aires, Alfredo Bonino fala da exposição que realiza, atualmente, naquela cidade, com as obras recentes do pintor argentino Alfredo Hlito. Nessa carta Bonino manifesta o interesse de trazer ao Rio a exposição de Hlito — o que seria realmente oportuno.

### Bandeira e Lygia

Outras notícias que Bonino nos envia dão conta da expectativa com que se aguarda em Buenos Aires a mostra do pintor Antônio Bandeira (marcada para 26 de setembro) e que os bichos de Lygia Clark estão despertando enorme interesse tanto entre os colecionadores e críticos como entre os artistas. Bonino resistiu muito para não vender as duas maquetas dos bichos que levava para mostrar,

Os três únicos quadros que levou para Buenos Aires foram comprados: eram de Djanira, Portinari e Di Cavalcanti.

### Museu de Arte Moderna

Inaugura-se em outubro próximo, em Buenos Aires, o Museu de Arte Moderna, que funcionará no Teatro Municipal General San Martín. Trata-se de um edifício moderno, construído segundo as mais avançadas conquistas da arquitetura contemporânea — segundo nos informa Bonino. O MAM ocupará três andares desse edifício.

### Ormezzano na OCA

Abre-se hoje na Galeria OCA (Gen. Osório, Ipanema) uma exposição do pintor argentino Ormezzano. A exposição, que se faz sob o patrocínio do Embaixador da Argentina, Dr. Carlos Manuel Muniz, tem seu vernissage marcado para as 21 horas. Ormezzano expôs há pouco em S. Paulo.

instituto de

ânea